

*«Verdade, amor, razão, merecimento
Qualquer alma farão segura e forte,
Porém, fortuna, caso, tempo e sorte
Têm do confuso mundo o regimento.»*

Luís de Camões



É com este poema, que inspirou o título de *FORTUNA, CASO, TEMPO E SORTE - BIOGRAFIA DE LUÍS VAZ DE CAMÕES*, que ISABEL RIO NOVO nos convida a entrar nas mais de 700 páginas (notas finais incluídas) que dedicou à vida do maior poeta português. A autora de ensaios, biografias e romances guia-nos agora pela História, apoiada em documentação antiga e recente, para nos trazer, 500 anos depois do nascimento de Camões, uma visão abrangente e rigorosa da grande figura que este foi, e continua a ser, do homem à ideia que dele se foi construindo. Ao longo de cinco anos de investigação, que incluiu viagens a Goa – onde descobriu o paradeiro de um retrato do poeta que andava extraviado – e a Moçambique – onde Camões viveu dois anos –, Isabel Rio Novo teve sempre a preocupação de reconstituir rigorosamente a época quinhentista, fulcral para entender os conceitos cujo sentido se vai perdendo com o tempo.

Perante as muitas incertezas sobre Camões, a começar pelo local onde nasceu – que pode bem ter sido o Porto –, Isabel Rio Novo consegue o feito de nos pôr a olhar através de um magnífico caleidoscópio do qual cada um fará a interpretação possível, dadas que estão as cores e as nuances com que o tempo pintou o retrato deste homem. Os capítulos desta biografia indispensável têm títulos tão cativantes como «Mocidade Florida», «Barca de Vidro Sem Leme», «Outra vez acometendo os duros medos» ou «Ninguém, que nisso enfim se torna tudo», quase sempre retirados aos versos de Camões, pois impossível seria não se deixar contagiado pela beleza e sentido profundo das letras do poeta, ao sobre ele escrever.

Encantados que ficamos com um primeiro e leve vislumbre desta obra, que tanto nos revela, e tão bem, pedimos a Isabel Rio Novo que nos dedicasse uma frase por cada letra do nosso abecedário (que não podia, desta vez, acabar no W). Saboreie, também, esta aguarela da vida camoniana.

DE A A W

A – Amor. O grande tema da poesia de Camões.

B – Barreto. O apelido do governador da Índia com quem Camões se incompatibilizou.

C – Coutinho. O apelido do vice-rei da Índia que favoreceu o Poeta. Chamava-se Francisco, tal como o anterior.

D – Desterros. Camões sofreu vários, ao longo da vida, por questões de amores e não só.

E – Espada. Camões, que foi Poeta e soldado, dizia ter «numa mão a espada, e na outra a pena». Usou-as bastante.

F – «Fortuna, caso, tempo e sorte». Governavam o mundo, segundo Camões. Talvez tivesse razão.

G – Goa. A capital portuguesa no Oriente na época de Camões e uma espécie de Babilónia, segundo as palavras do Poeta.

H – Homiziado. Camões foi homiziado no Norte de África, onde combateu e perdeu um olho.

I – Inês de Castro, a «mísera e mesquinha que depois de morta foi rainha» e inspirou uma das mais belas passagens de *Os Lusíadas*.

J – Jau. Os biógrafos antigos referiram-se assim ao escravo ou escravo alforriado (talvez javanês), de nome António, que Camões trouxe do Oriente e a quem era muito afeiçoado.

K – Khan. Adil Khan, Yusuf Adil Shah ou, na versão adulterada pelos portugueses, o Idalcão, senhor de Goa até Albuquerque ter conquistado a cidade.

L – *Os Lusíadas*, a epopeia da chegada dos portugueses à Índia e obra-prima de Luís Camões.

M – *Malcozinhado*. Era o nome que, na época, se dava aos estabelecimentos noturnos onde se servia comida barata e se fazia a festa. Camões conheceu uns quantos.

N – Ninfas. As numerosas filhas de Tétis e do Oceano, segundo a mitologia pagã. As Tágides, do Tejo, são invocadas no início de *Os Lusíadas*; outras recebem os marinheiros portugueses na Ilha dos Amores, já durante a viagem de regresso ao Reino.

O – Olimpo. Júpiter, Vénus, Baco e os outros habitantes do Olimpo acompanham e interferem na aventura do Gama e dos companheiros.

P – *Parnaso de Luís de Camões*. Assim se chamava o livro que Camões tinha em preparação na Ilha de Moçambique e que perdeu ou lhe furtaram, no regresso ao Reino.

Q – «Que grande variedade vão fazendo...». É o primeiro verso da égloga que assinala as mortes de D. António de Noronha e do Príncipe D. João, pai de D. Sebastião, e que Camões considerava a «melhor que já tinha feito».

R – Retratos. Conhecem-se apenas dois retratos de Luís de Camões feitos em vida deste. Um foi desenhado estando o Poeta na prisão de Goa. Do outro só resta uma “cópia fidelíssima”, realizada no século XIX a partir do original (entretanto perdido) pintado por Fernão Gomes.

S – D. Sebastião, a «maravilha fatal» a quem *Os Lusíadas* foram dedicados e cuja morte, em Alcácer Quibir, foi devastadora para Camões e para a nação.

T – Tronco era o nome que se dava, na época, à prisão. Camões conheceu o de Lisboa e o de Goa, por onde passou mais do que uma vez.

U – «Um não sei quê, que nasce não sei onde,/ vem não sei como, e dói não sei porquê». Uma das definições poéticas do amor, segundo Camões.

V – Vénus e o Velho do Restelo. Ela fez tudo para que os portugueses chegassem à Índia. Ele não concordava com o empreendimento. Duas grandes personagens de *Os Lusíadas*.

W – WOOK, o melhor lugar para encontrar Camões.

X – Xavier, São Francisco. Fundador da Companhia de Jesus, missionário nas partes do Oriente e sepultado em Goa ao tempo de Camões. O Poeta, que não apreciava propriamente os jesuítas, mal falou dele.

Z – Zodíaco. Camões interessou-se pela «profética ciência» da astrologia, como a maioria dos homens e mulheres do seu tempo, acreditando que o horóscopo influía no destino do indivíduo.

13 de junho de 2024

ISABEL NOVO, in *FORTUNA, CASO, TEMPO E SORTE*.

uma espécie de *sande* literária

(Mc 5,21-43)

A cabámos de ouvir uma página difícil de Marcos, uma espécie de *sande* literária: pão por cima e pão por baixo (o relato da filha de Jairo partido ao meio) e, no meio, outra coisa, a mulher com fluxo de sangue (ou seja, um episódio metido dentro de outro).

Reunidos, os dois relatos têm coisas em comum. A filha de Jairo tinha 12 anos, e a mulher há outros tantos que tinha uma perda de sangue. Mas, sobretudo, em ambos os casos, é fundamental a fé de Jairo que Jesus reconhece - «*Não tenhas receio. Crê somente!*» - e da mulher a quem diz - «*Minha filha, foi a tua fé que te salvou*».

O EVANGELHO DE MARCOS começa com o anúncio do Reino: «*O Reino de Deus está próximo; convertei-vos e acreditai no Evangelho*» (1,15). Jesus explicava depois que o Reino estava a chegar e que, por isso, era uma realidade futura, embora acrescentasse que está aí «*à mão*» de semear (Mc 1,15), está mesmo «*no meio de vós*» (Luc 17,20), «*já chegou*» até (Mt 12,28), embora a sua presença esteja ainda oculta.

Logo de seguida, Marcos apresenta Jesus como um grande taumaturgo, um homem que

faz milagres, sobretudo curas. Vamos ver: só hoje (5,21-43) cura a filha de Jairo e a mulher que sofre um derramamento de sangue; logo depois, em Genesaré (6,53), ocupa-se dos que «*acorreram àquela região... doentes nos seus catres...*, [que] *colocavam nas praças e que pediam que os deixassem tocar pelo menos as franjas das suas vestes*»; curou depois a filha de uma mulher cananeia (7,24), um surdo-mudo (7,31), um cego em Betsaida (8,22, um jovem epilético (9,14) e outro cego em Jericó (10,46). Enquanto isto, fez alguns milagres mais: por duas vezes, multiplicou o pouco pão que por ali havia para dar de comer às multidões que O procuravam e seguiam (6,34 ss e 8,1 ss), caminhou depois sobre as águas (6,45 ss) e transfigurou-Se (9,2 ss). Não se trata de curas a mais e de milagres a torto e a direito?

O que Marcos quer dizer é que está a despontar um mundo novo, estão a começar a aparecer os fundamentos do Reino. Por isso é que Jesus ocupa um lugar singular na história das religiões. Combina dois mundos que nunca haviam estado unidos: em todas as religiões a salvação é só uma questão de futu-

ro; mas com Jesus ela realiza-se já neste mundo e neste tempo, é uma salvação atual. Não há, em nenhuma religião, um taumaturgo como Jesus, que traz ao homem uma salvação que é o fim de um mundo velho e o começo de um mundo novo. Os milagres de Jesus que acontecem na história temporal dos homens são já um mundo novo que começa e uma terra nova que nasce.

Os milagres de Jesus são, pois, antes de mais, um protesto contra a miséria humana. Eles não esquecem que há muita gente que passa fome, que para muitos doentes não há cura, que para muitos concidadãos não há trabalho. Mas não é verdade que um simples doente se vê já *curado* se tem quem o trate e medicamentos para se tratar? E um pobre a quem se garante comida e teto? E um desempregado que a assistência social ou o cuidado dos vizinhos não desconhece?

As palavras têm muitos sentidos. E a mesma palavra dita hoje e há 2.000 anos atrás tem conteúdos insuspeitados.

Vou ler um texto escrito entre os anos 105 e 110 por Tácito (55-120), historiador romano, no seu livro *Histórias*: conta ele como (9-79), aclamado imperador romano pela tropa, foi taumaturgo sem querer.

«*Durante os meses de Verão*

em que Vespasiano aguardava em Alexandria os ventos propícios para uma navegação segura, aconteceram não poucos milagres (miracula) que indicavam o favor do céu e as preferências dos deuses por Vespasiano.

Um homem simples do povo, natural de Alexandria e muito conhecido por ser cego, foi ajoelhar-se diante de Vespasiano e, a chorar, pediu-lhe a cura do seu mal; que o fazia por ordem de Serapis, um deus venerado pelo povo com especial fervor. Suplicou a Vespasiano que lhe permitisse ungir as faces e as pálpebras com a saliva da sua boca. (Naquele tempo ninguém se lavava: até ou ouvidos ficavam tapados de lixo! E sobretudo os mais velhos pensavam ter perdido a audição! Descobriram mais tarde que, com a saliva, às vezes —por milagre! — a recuperavam! E com saliva levada pela língua ao interior do ouvido, por vezes humedeciam o tampão do lixo e recuperavam a audição! Milagre!).

Outro homem que tinha um aleijão na mão pediu-lhe também, por mandado do mesmo deus, que lhe tocasse com a planta do pé.

A Vespasiano, pareciam-lhe ridículos estes pedidos, e por isso os recusou. Mas os homens insistiram e ele começou a titubear: tinha receio de falatórios caso

nada pudesse fazer por eles. E, ante as súplicas repetidas dos dois homens e a instâncias dos seus aduladores, acabou por lhe parecer atrativa a proposta. Pediu um relatório médico sobre as hipóteses de cura daquela cegueira e do aleijão da mão. A resposta dos médicos foi ambígua: quanto ao primeiro caso, a cegueira não era total, disseram os médicos; quanto à mão, que o paciente tinha era os dedos deslocados e que, usando adequadamente os meios curativos, eles seriam recolocados na sua posição normal. Talvez os deuses estivessem até interessados em que o príncipe (Vespasiano) fosse escolhido como instrumento da divindade! E disseram mais os médicos: que se a aplicação dos medicamentos ou dos tratamentos tivesse êxito, este seria atribuído ao Príncipe, caso contrário, toda a gente se riria, mas dos dois infelizes doentes.

Então Vespasiano, acreditando na fortuna que há bastante tempo o acompanhava e que no futuro nada lhe resistiria, acedeu aos pedidos que lhe tinham sido feitos, e com cara alegre. E toda a gente esperava expectante o que aconteceria. E, de facto, a mão recuperou a normalidade e ao cego brilhou de novo a luz do dia.

Testemunhas oculares ainda hoje contam o que então aconteceu.»

Entre os milagres de Jesus e os de Vespasiano, seu contemporâneo, há enormes diferenças: no caso de Jesus, só os que tinham fé eram curados, primeiro; mas protestar contra um mundo velho – segundo – não chega, tem de ser o lançamento dos fundamentos de um mundo novo a que o próprio Jesus dava o nome de Reino de Deus.

Vejamos o que diz o Vaticano II:

«Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude: Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra na qual reina a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens. (...) Todos estes bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, frutos da natureza e do nosso trabalho, ... voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o reino eterno e universal (...). Sobre a terra, o Reino já está misteriosamente presente; mas só quando o Senhor vier atingirá a perfeição» (GS 39).

Pe. ARLINDO DE MAGALHÃES (Homilia, 27-11-21.

um espaço sem dominação masculina

UMA MULHER ENVERGONHADA E COM MEDO APROXIMA-SE DE JESUS SECRETAMENTE, confiante de que será curada de uma doença que há muito a humilha. Arruinada pelos médicos, sozinha e sem futuro, ela vem a Jesus com uma fé grande. Apenas procura uma vida mais digna e saudável.

No fundo deste relato podemos ver um problema grave. A mulher sofre perda de sangue: uma doença que a obriga a viver num estado de impureza ritual e de discriminação. As leis religiosas obrigam-na a evitar o contacto com Jesus, mas é precisamente esse contacto que a poderá curar.

A cura ocorre quando aquela mulher, educada em categorias religiosas que a condenam à discriminação, consegue libertar-se da lei para confiar em Jesus. Naquele profeta, enviado por Deus, há uma força capaz de a salvar. Ela «notou que o seu corpo estava curado»; Jesus «notou a força salvadora que saiu dele».

Este episódio, aparentemente insignificante, é um expoente mais do que se recolhe de forma constante nas fontes evangélicas: a acção salvífica de Jesus, sempre empenhada em libertar a mulher da exclusão social, da opressão dos homens na família patriarcal e da dominação religiosa no seio do povo. de Deus.

Seria anacrónico apresentar Jesus como um feminista dos nossos dias, comprometido com a luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens. A sua mensagem é mais radical: a superioridade dos homens e a submissão das mulheres não vêm de Deus. É por isso que entre os seus seguidores têm de desaparecer. Jesus concebe o seu movimento como um espaço sem dominação masculina.

A relação entre homens e mulheres continua doente, inclusive dentro da Igreja. As mulheres não conseguem perceber de forma transparente «a força salvadora» que vem de Jesus. É um dos nossos grandes pecados. O caminho para a cura é claro: suprimir as leis, costumes, estruturas e práticas que geram discriminação contra as mulheres, para fazer da Igreja um espaço sem dominação masculina.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA